

Nas mãos de Deus

“Doutora, não tem mais nada que possamos fazer pela minha avó? Alguma alternativa... nada? Vamos apenas se sentar e esperar pelo fim?”

“É mais ou menos isso... agora ela está nas mãos de Deus.”

Essa fala sempre me incomodou. Não porque eu não acredite em Deus, ou duvide de Sua presença e poder. Mas porque é possível, sim, entregar alguém nas mãos de Deus, sem esquecer que somos instrumentos d’Ele para aliviar a dor e o sofrimento da pessoa por trás da doença.

É como entregar um paciente ao diretor de um hospital e esperar que ele, pessoalmente, desça de sua sala, vista um jaleco e cuide. Ele não o fará — mas colocará sua equipe para agir. Assim também é Deus: Ele confia a nós o cuidado daqueles que sofrem.

No senso comum, “entregar nas mãos de Deus” costuma significar desistir. Cruzar os braços diante do inevitável, abraçar a impotência e permanecer na inércia. E quando dita por um profissional de saúde, essa expressão frequentemente vem acompanhada de uma espécie de recomendação silenciosa à família: “Apenas espere” — por um milagre, ou pela morte.

Mas há uma incoerência aí. Quem realmente crê em Deus sabe que Ele conta conosco para a execução de Sua obra. Sabe que somos chamados a ser instrumentos de alívio e compaixão.

A fé é, sem dúvida, um poderoso recurso de enfrentamento — também para o profissional de saúde —, embora ainda pouco explorado. Contudo, fé sem ação é palavra vazia. Cruzar os braços e esperar que Deus vá até a farmácia buscar e administrar o remédio em quem sofre não aliviará dor alguma.

A verdade é que já estamos todos nas mãos de Deus, desde o primeiro instante da vida até o último suspiro. Seria presunção nossa imaginar que apenas agora, diante da impossibilidade de cura, nossa simples “entrega” resolveria tudo. Deus não entra em cena apenas quando o tratamento falha. Sua ação permeia toda a trajetória — e, em todos os momentos, o que Ele nos pede é simples: que cuidemos uns dos outros.

O profissional de saúde pode — e deve — entregar seu paciente nas mãos de Deus, no sentido mais profundo da fé. Mas sem renunciar à ação, sem renunciar ao dever de aliviar o sofrimento, mesmo — e principalmente — quando a cura não é mais possível. Cabe a ele reconhecer o que Deus colocou em suas próprias mãos — seja conhecimento, seja sensibilidade, seja presença — e usar isso em favor de quem sofre.

Porque jamais desistir de alguém é, também, uma forma de oração.

Rodolfo Moraes – Médico paliativista – Outubro de 2025